



O DESPERTAR

BOLETIM DE INFORMAÇÃO E DOCTRINA

Órgão Oficial da Igreja Lusitana

Director — L. DE FIGUEIREDO — Calçada das Lages, 6 — Lisboa

Redactores — L. R. PEREIRA — Quinta do Bacalhau — V. F. de Xira
A. FERREIRA ARBIOL — Rua do Cativo, 6 — Porto

Administrador — JOAQUIM DE PINA CABRAL — Sto. Ovidio — V. N. de Gaia

Composição e impressão: Empresa Técnica de Tipografia, Lda. - Vila Franca de Xira

MENSAGEM EPISCOPAL

A influência moral e espiritual da ressurreição de Jesus

"E se Cristo não ressuscitou, logo é vã a nossa pregação e também é vã a vossa fé", diz o apóstolo S. Paulo na sua primeira epístola aos cristãos da Igreja em Coríntio (XV, 14).

A ressurreição de Jesus Cristo é a base fundamental da nossa fé NELE, e é a força da nossa espiritualidade devocional.

Uma vida não termina quando o corpo desaparece da superfície da terra. A sua influência anterior permanece entre os homens durante algum tempo, tanto mais quando essa influência foi boa em exemplos verdadeiros de santidade, justiça e amor.

Nas diversas manifestações da natureza surpreende-nos a reprodução permanente que se opera no ressurgimento dos seres que desaparecem. Com as diversas fases do ano, surgem periodicamente as épocas de cultura, de trabalho, de colheita, de alegria e de vida.

Com a ressurreição de Jesus Cristo, porém, surgiu para o mundo, em incomparável grandeza e em evidente influência, a nova era da vida espiritual da Igreja em manifestações de justiça, amor, paz e bênção.

Quem eram os discípulos de Jesus antes da Sua ressurreição? Homens fracos, modestos, tímidos e de pouco merecimento entre os seus conterrâneos e contemporâneos. A ressurreição de Jesus, porém, reanima-os e fortalece-os, e os quarenta dias que se seguiram e ELE permaneceu no meio dos onze, foram suficientes para os discípulos completarem a preparação que os tornaria aptos a receberem, decorridos dez dias, o Espírito Santo que transformou esses homens, fracos, modestos, tímidos e de pouco merecimento, nos grandes e eternos heróis da fé cristã, no mundo de ontem, de hoje e de sempre, vigorosas colunas da Igreja da qual Jesus Cristo ressuscitado é a Pedra fundamental e angular.

Foi a plena certeza de que Jesus ressuscitara e voltara ao céu para continuar a obra da Sua redenção salvadora, que animou e fortaleceu os cristãos dos primeiros séculos a suportarem as mais violentas perseguições e os horríveis sofrimentos das torturas que a Igreja tem sofrido, desde o seu princípio até aos dias actuais ela continua viva e triunfante porque foi fundada e é sustentada por Jesus Cristo, vencedor da morte e que vive eternamente no céu.

A influência de Jesus ressuscitado no mundo antigo levantou mártires e santos; no mundo posterior consolida e guarda a Sua Igreja das heresias e inovações humanas; nas actuais emergências de um mundo perturbado e confuso, será ainda essa influência que o salvará.

A obra de Jesus Cristo, a verdade histórica é que o proclama e comprova, trouxe a moralização dos costumes ao mundo. Se essa moralização não foi nem é aceite e seguida pela grande maioria dos homens, o erro está naqueles que rejeitaram e rejeitam essa obra ou a adulteraram e adulteram.

(Continua na pág. 4)

Actividades Episcopais

O nosso venerando Bispo visitou as Paróquias do Sul na primeira semana de Abril, acompanhado pelo Pároco de «S. João Evangelista» Rev. A. Arbiol, o qual actuou como seu capelão.

No Domingo de Paixão, presidiu à Sagrada Eucaristia na Igreja de S. Pedro, em Lisboa onde na Quarta seguinte confirmou 7 novos comungantes. Nos outros dias da semana, confirmou também 3 pessoas na Igreja de Cristo Remidor, em Alcácer do Sal, 5 na Igreja de S. Paulo, em Lisboa, e 22 na Paróquia de S. Mateus, das quais 17 na Igreja Paroquial em V. Franca de Xira e 5 na Missão de S. Marcos, em Salvaterra de Magos.

Esta visita que foi, como não podia deixar de ser, de bênção e conforto para as várias paróquias, constituiu acontecimento excepcional tanto em Alcácer como em Salvaterra, onde as pequenas Casas de Oração transbordaram de assistentes, alguns que vinham pela primeira vez, havendo todos escutado com a maior compostura e apreensão, as palavras carinhosas do nosso Bispo.

No Norte, e também em preparação para a Comunhão Pascal, confirmou Sua Ex.^a Rev.^{ma} 8 pessoas na Igreja de S. João Evangelista, 10 na Igreja do Bom Pastor e 12 na Igreja do Salvador do Mundo, em Vila Nova de Gaia. Nesta última presidiu ao Ofício de Rededicação do Templo depois das obras ali realizadas.

Antes das actividades mencionadas, confirmara o nosso Antiste 6 novos comungantes na Igreja do Redentor, no Porto no dia do 76.º aniversário da Dedicção e tomara parte, na mesma cidade, na 1.ª Convenção do Esforço Cristão, em que presidiu à Sessão de Abertura e discursou na de encerramento.

NOTAS E COMENTÁRIOS

Por Paulo Agostinho

O Infante D. Henrique

Há 500 anos que, com 66 anos de idade, no dia 13 de Novembro de 1460, morreu o Infante D. Henrique. Todos os portugueses, em Portugal daquém e dalém Mar, pois na concepção secular da nossa unidade nacional não conta o pormenor geográfico, estão comemorando a vida extraordinária deste homem, carácter forte, no qual se alojou a aspiração viril duma nação, — projectar-se na balança do mundo. Por seu impulso, rasgou-se o véu do mar desconhecido, desvendou-se o mistério do oceano, descobriram-se terras ignotas. Uma inspiração que se tornou efectiva. Um sonho do mais puro ideal que se tornou realidade. Segredos, enigmas, lendas monstruosas do que hoje não passa de pormenores dum mundo cada vez mais pequeno.

No seu promontório de Sagres, naquela nesga de terra que se infiltra recosa pelo Oceano, o Infante levado pela sua visão, que uma fé valorizava, consegue reunir alguns portugueses como ele, animados pelo entusiasmo sacrossanto duma epopeia a realizar. Para os ajudar faz ajuntarem-se à sua volta os melhores navegadores, cartógrafos e matemáticos que o mundo de então conhecia.

Por entre dificuldades, hesitações, derrotas e vitórias, desistência de uns, recomeço de outros, esse punhado de portugueses num esforço contínuo, «mais do que permitia a força humana» na afirmação do Épico, consegue transpor o Cabo Bojador, contornar a África, descobrir as ilhas da Madeira e Porto Santo e o Arquipélago dos Açores, chegar às terras de Vera Cruz, abrir o caminho marítimo para a Índia, passar além da Tapobrana e atingir a Oceânia.

Mas Portugal não ficou estáticamente com a glória das descobertas. Portugal não se satisfaz por abrir o comércio das especiarias. Portugal foi mais longe. Procurou levar a civilização cristã ao mundo com que ia contactando e fundar novos reinos. São as terras do Prestes João, reino cristão de que apenas vagamente se conhecia a existência, as que o atraem romântica e pertinazmente através a África. E' a conversão dos indígenas de África e da América que impele os missionários portugueses, numa obra de sacrifício, a penetrar no sertão inóspito, desbravando a selva, e implantando a nossa bandeira e a nossa civilização.

Não há erros de concepção teológica e de cristianismo prático que possam diminuir a atitude heróica destes missionários que, deixando longe a Pátria, esforçadamente, levaram a cruz de Cristo por esse mundo desconhecido, mal acabado ainda de descobrir, e de que nada sabiam a não ser que havia almas a salvar. Podemos discutir a forma e o conceito da sua acção à luz da evangelização hodierna que o espírito da Reforma sábiamente e bíblicamente orientou. Mas nunca denegrir a sua obra, cheia de ardor patriótico, Fé, Amor e coragem.

Mercê pois das descobertas, da nossa implantação em novas terras, da nossa acção civilizadora e do nosso missionarismo denodado, a língua portuguesa espalhou-se por toda a parte e hoje é falada por perto de cem milhões de pessoas. Portugal teria tido outro rumo, não possuiria a importância nem o lugar de destaque que hoje tem perante as nações do mundo, teria talvez deixado de existir, se não fôra a acção admirável, forte, extraordinária do Infante, levando a Nação Portuguesa a expandir-se pelo mundo, através o Oceano.

Ajoelhemos, agradecendo a Deus o que somos e a vida fecunda e valorosa do Infante D. Henrique. E inspirados pelo seu exemplo e pela sua Fé, procuremos pelo trabalho, pela cooperação, pelo espírito do Evangelho, numa religião em espírito e em verdade, engrandecer as terras que os nossos maiores nos confiaram e que constituem o Património da Nação, uno, indivisível, inseparável, feito duma só peça, Portugal!

Tribunal de Haia

Em 12 deste mês, reuniu o tribunal de Haia para pronunciar a sentença sobre o diferendo entre Portugal e a União Indiana, a respeito da nossa soberania sobre os enclaves de Dadrá e Nagar-Aveli.

Há muito que se arrastava esta questão, desde que na noite de 21 de Julho de 1954, elementos da União Indiana ocuparam estas terras portuguesas. A maldade, a ignorância da nossa história, o teimar em generalizar factos que não nos dizem respeito, o parecer suspeito e absolutamente parcial de conhecidos agitadores internacionais, queriam à força insinuar estarem estes territórios sobre um regimen colonial, no sentido pejorativo que a palavra tem hoje nos sectores da politica internacional. A calúnia havia tomado vulto, mesmo entre alguns países amigos.

Portugal reagiu valorosamente. Apelou para Haia, cheio de convicção pela justiça que nos assistia. São conhecidos os termos com que a União procurou a todo o transe deturpar e dilatar a questão. Não o conseguiu porém. O mais importante e qualificado tribunal internacional, constituído por juristas de todo o mundo, actuando livremente, reconheceu que são portugueses os dois enclaves de Dadrá e Nagar-Aveli. O litígio é pois de carácter internacional e não de carácter interno da União Indiana. Isto é, Portugal e a União Indiana têm ambos o mesmo direito de estar na península do Indústão. E, «ipso facto», é-nos garantido o direito de passagem para pessoas e bens, incluindo funcionários civis e mercadorias.

Isto constitui, sem qualquer dúvida, uma decisão dum significado notável. Não se condenando a presença de Portugal na Índia, aceita-se o seu direito de ali estar, a que tem jus pela sua história, pelo seu génio e esforço civilizador, pela bondade e assimilação da raça que pôde tornar portugueses, através os séculos, os habitantes dos seus territórios. Goa, Damão e Diu são portugueses. Ali é também Portugal.

BRASÍLIA

Está-se inaugurando nesta data, a cidade de Brasília, como capital do Brasil. Situada no centro do seu vasto território procura assim estar mais perto de todas as suas regiões, e desta forma, pela sua presença, melhor assistir ao seu desenvolvimento. No seu urbanismo arrojado, é um exemplo vivo das possibilidades da moderna arquitectura e do arranjo social duma cidade. As descrições que nos chegam pelas revistas da especialidade, é de molde a entusiasmar todos os que se interessam pelos problemas urbanos, e especialmente por aqueles que estão relacionados com a «vida» dos aglomerados humanos. As cidades não podem ser apenas um conjunto de edificios. Elas têm de representar e satisfazer todas as expressões anímicas. Elas têm de concentrar a acção dinâmica do homem. Elas têm de vibrar em unísono com as aspirações modernas da humanidade e de corresponder a todas as concepções científicas da saúde e do bem estar.

Portugal vê sempre com carinho e com admiração todas as iniciativas da Pátria irmã. E esforça-se sempre cada vez mais por estreitar os laços de simpatia e afeição que uma história e uma língua comum justificam. O Tratado de Amizade e Consulta é prova concludente que, de parte a parte, se está construindo um futuro unido com firmeza e larga projecção, através um mundo aguerrido que procura por vezes embarçar-nos.

O Marechal Craveiro Lopes, antigo Presidente da Republica Portuguesa, numa entrevista ao jornal brasileiro «O Globo», lembra aos nossos irmãos das Terras de Santa Cruz que o Portugal do Ultramar os espera, de braços abertos. A gente brasileira, com todo o seu poder realizador, tem ali também vastos elementos para prosperar. E engrandecendo as duas Pátrias, que podem tão bem caminhar a par e passo, tornamos forte o mundo da língua portuguesa.

A Igreja Episcopal Brasileira, forte reduto da Igreja reformada no Brasil, com um papel fundamental no renascimento espiritual do País, está pensando em construir a sua catedral na Brasília, se já mesmo não iniciou o seu levantamento. Fazemos sinceros votos para que este templo seja o simbolo de que Cristo impera no coração do Brasil, tornando-o forte pela grandeza da Alma, pela obediência e temor à vontade de Deus, pelo seu Amor pela Humanidade inteira.

Bispo D. Salomão Ferraz

Passou por Lisboa, vindo de Roma e em viagem para o Brasil, o egrégio Bispo D. Salomão Ferraz. Agradecemos a sua visita e as palavras de simpatia cristã que nos dirigiu. Em romagem piedosa esteve junto à campa do falecido Bispo-Eleito da Igreja Lusitana, Rev.^{mo} D. Joaquim dos Santos Figueiredo, onde pronunciou uma

(Continua na pág. 8)

O Movimento Ecuménico

E AS IGREJAS REFORMADAS PORTUGUESAS

O movimento ecuménico pouco se faz sentir em Portugal. Creio que a razão dessa carência reside, fundamentalmente, em dois pontos: a inexistência de elaboração teológica entre nós; e a excessiva aproximação das pequenas e múltiplas comunidades cristãs não-romanas, sob a pressão da hostilidade dos elementos dirigentes da Igreja Católica Romana Portuguesa, não, propriamente, do povo comum católico-romano, que é liberal, simpático e generoso.

Com efeito, o protestantismo português nunca produziu um só teólogo. Há homens que estudam fielmente, homens que sabem muito, mas não se atingiu ainda a fase duma produção teológica, no que, infelizmente, somos muito de perto acompanhados pela própria Igreja Católica Romana em Portugal. Basta percorrer as lombadas nas prateleiras das livrarias da especialidade, para se chegar a esta conclusão. Ora o movimento ecuménico, quando ultrapassa — e quer ultrapassar, sob pena de contradição interna — o plano da cooperação material entre igrejas separadas, e vai no sentido da restauração da união visível da Santa Igreja de Cristo, exige, imprescindivelmente, trabalho profundo de teologia, como base de partida e meio de realização. É que *«por muito escandalosas e frustantes que sejam as nossas presentes divisões, há coisas ainda piores do que elas; o dever de reunião é certamente imperativo, mas há deveres cristãos mais altos e mais essenciais. A própria reunião deve subordinar-se à integridade do evangelho e da fé católica, à simples mas essencial virtude da honestidade intelectual... Como quer que seja que a reunião se faça, decerto não poderá apoiar-se numa teologia imprecisa, nebulosa e romântica»* (Langmead Casserley, in *Christian Community*, pag. 147 e seg.). Dir-se-á que o que se não produz entre nós, existe lá fora, e poderá ser «importado». Decerto, mas não totalmente, creio. Para a hipótese de reunião — que é sempre dever! — das igrejas separadas em Portugal, tem que fazer-se uma elaboração teológica portuguesa, ou ficaríamos perante

uma construção fictícia sem raízes ou alicerces, quiçá, bem pior do que o nosso actual estado. É por não existir esta elaboração teológica, nem sequer ainda as condições necessárias ao seu aparecimento, que me parece não ter o movimento ecuménico encontrado expressão em Portugal, salvo quanto a alguns dos seus aspectos secundários. Na verdade, o pastorado e a evangelização imediata esgotam o tempo e as energias dos nossos ministros; os institutos de ensino mal começam a ensaiar os primeiros passos; as bibliotecas são pequenas e pouco acessíveis; os homens capazes são absorvidos no trabalho pastoral, e a nenhum se tem dado os meios de se dedicar ao esforço puramente especulativo.

As igrejas reformadas portuguesas precisam de atentar nesta sua grande falta, e promover a obtenção dos meios de a suprir. Há já felizes manifestações nesse sentido, mas ainda hesitantes, circunscritas, e dependentes de esforço estrangeiro. Para fazer uma teologia portuguesa, são precisas academias portuguesas, com um corpo docente, predominante, embora não exclusivamente, português.

Disse atrás ser minha opinião que a outra causa do pequeno reflexo do movimento ecuménico no nosso meio consiste na excessiva aproximação das pequenas e múltiplas comunidades cristãs não-romanas. Ninguém entenda que eu esteja emitindo um juízo desfavorável sobre a boa paz, a estima mútua, e o valor da convivência cooperativa que, por elementar acção do Espírito Santo, existe geralmente entre os cristãos das várias *«denominações evangélicas»*; nem tampouco que minimize o interesse de empreendimentos comuns das próprias igrejas, como tais. Seria estultícia, e negação de muitas das minhas atitudes práticas. O que observo com desfavor é a tendência para se pensar, como consequência dessa excessiva aproximação, que somos todos a mesma coisa, que não há diferenças, actualmente intransponíveis, entre nós; e que essas diferenças não passam de particularidades de governo ou de culto, acidentais e despiciendas. Tal atitude toma forma carica-

tural na resposta sofisticada dada à acusação romanista de que o protestantismo é um acerbo de divisões, resposta que se exprime mais ou menos assim: «as nossas divisões são como as vossas; nós temos baptistas, metodistas, presbiterianos, episcopais, etc.; vós tendes franciscanos, beneditinos, dominicanos, jesuitas, etc.; as mesmas divisões». Ora, a verdade é que a natureza das divisões não é a mesma, por muito bem que baptistas e episcopais se entendam, por muita guerra que jesuitas façam a dominicanos. Com efeito, as ordens católicas romanas vivem em *«Communio in Sacris»*, o que entre as igrejas protestantes se não dá. Esta ideia confusa produz uma falsa satisfação para o mal das divisões, e ilude ou impede o diagnóstico do mesmo. Ficamos como um doente que não procura remédio por não ter consciência da doença. Não buscaremos a reunião visível da Igreja de Cristo enquanto não sentirmos a mágoa das suas divisões, reais e efectivas, e não só aparentes. Como a nossa excessiva aproximação, determinada por causas meramente ocasionais, nos tem dificultado a percepção desse estado, o movimento ecuménico, que parte justamente do reconhecimento das divisões, não tem operado entre nós. «Os sãos não precisam de médico».

Dirão alguns: mas, se essa aproximação é assim tão íntima, não significará ela que estamos numa fase adiantada de reunião? Não. E não, porque as fendas da divisão subsistem, em toda a sua potencialidade prática. Só haverá união quando houver uma comunidade, com uma só Fé, uma só Ordem, um só Ministério, uma perfeita Comunhão sacramental. Isto não existe. Existe boa vizinhança; mas boa vizinhança não é uma família. Existe cooperação; mas cooperação, logicamente, implica multiplicidade de cooperantes. Até poderia existir uma federação, que nem sequer existe; mas federação de igrejas está longe de ser a *Igreja Una, Santa, Católica e Apostólica* do Credo. Não continuemos a iludir-nos, nem nos deixemos enganar: as divisões, com todo o seu trágico significado, existem. Reconheçamo-lo. E, a partir da dor dessa consciência, obedeçamos à voz do Senhor: «que todos sejam um». Então, servidos por uma teologia honesta, começaremos a fazer ecumenismo.

BODAS DE DIAMANTE

da Igreja Lusitana de S. Pedro

Celebrou a Congregação da Igreja Lusitana de S. Pedro, no dia 10 de Janeiro deste ano, o 75.º aniversário da inauguração do Templo, sito na Trav. da Conceição da Glória, em Lisboa, com um «Te-Deum» e um discurso histórico pelo ministro, precedido de uma justa homenagem de gratidão à memória do benemérito cristão João Cleif, que mandara construir, a expensas suas, a Igreja e depois a doara à congregação. As comemorações prolongaram-se no decorso da semana com uma conferência no salão paroquial, pelo finalista da Faculdade de Medicina, dr. Rui Fernando Claudio de Sousa, um culto especial em que prégou o rev. Eduardo Moreira, e outra conferência pelo rev. dr. Gerson Meyer, no referido salão, finalizando com um culto de Acção de Graças, em que foi orador o ministro coadjutor rev. Josué de Sousa Júnior.

Foram recebidas mensagens de congratulação de várias Igrejas, entre as quais uma do Rev.º Bispo D. António Ferreira Fiandor.

Era manifesta a satisfação da Congregação por tão festiva data histórica, e alguns irmãos houve, que quiseram marcar o acontecimento com ofertas de utilidade prática.

Foram dias de afirmação de fé cristã e de prazer espiritual. Deus seja louvado.

No Sermão inaugural foi focado em síntese e posto em relevo qual tem sido a vida de 75 anos dentro desta Igreja, por vezes acidentada durante o pastorado do rev. Candido de Sousa, em que por duas vezes foi perseguida e, numa delas, em pleno culto, sendo o ministro, que estava prégando, intimado, «in loco», pelas autoridades a fechar imediatamente a Igreja. Era o prenúncio de ameaçadora tormenta que, felizmente e graças a intervenção oportuna, não foi por diante, contra a vontade do inimigo. Deus esteve ao nosso lado.

Longe de nós a ideia, por errónea, de que, quando o poder das trevas ataca e aflige a Igreja, é isso indício de que Deus a abandonou, pois são sobretudo claras as palavras do Senhor Jesus quando diz «Vós haveis de ter aflições no mundo», mas diz também «Eu estarei convosco até à consumação dos séculos». Tal como a vida dos indivíduos e das sociedades está sujeita a alternativas agradáveis e desagradáveis, do mesmo modo o está a Igreja cristã neste mundo; diz S. Pedro que aos cristãos não devem causar surpresa os males que muitas vezes os fazem sofrer

como se coisa estranha lhes acontecesse.

A par, portanto, da evocação de factos tristes mas não de desalento, temos tido motivos de jubilo e de paz. A conversão de muitas almas que, famintas e sequiosas, têm encontrado a satisfação da sua fome e sede espirituais; a dedicação, o zelo, a perseverança, a abnegação e o edificante tes'e munho de tantos crentes que por esta Igreja têm passado, uns que já estão na presença de Deus, outros que, felizmente, ainda pertencem ao número dos vivos; a visita de vários bispos irlandeses, ingleses e americanos que, a convite do Sinodo da Igreja Lusitana, aqui têm exercido funções episcopais, tais como substituições de diáconos, ordenação de presbíteros e o rito apostólico da Confirmação. Não será tudo isto fonte de alegria e motivo justificado



Três gerações — Três Congregações
Ao centro o Rev. Cândido de Sousa; à direita o decano dos presbíteros



IGREJA DE S. PEDRO

Largo das Taipas

Lisboa

CALENDÁRIO

MAIO

- 1 — Dia de S. Filipe e S. Tiago. Liv. de O. pg. 251. Cor lit.: Encarnado. (Colecta do 2.º Dom.º depois da Páscoa, Liv. de O. pg. 168, depois da colecta do dia).
- 8 — 3.º Dom.º depois da Páscoa. Liv. de O. pg. 170. Cor lit.: Branco.
- 15 — 4.º Dom.º depois da Páscoa. Liv. de O. pg. 172. Cor lit.: Branco.
- 22 — 5.º Dom.º depois da Páscoa, ou Dom.º das Rogações. Liv. O. pg. 173. Cor lit.: Branco.
- 23, 24 e 25 — Rogações. Cor lit.: Roxo (excepto no Ofício vespertino de 25, que é Branco).
- 26 — Dia da Ascensão. Liv. de O. pg. 175. Cor lit.: Branco.

QUESTÃO VITAL

Por *L. R. Pereira*

para rendermos graças ao Altíssimo? Evidentemente.

Setenta e cinco anos de idade conta este templo; é já velho, mas dentro dele muitas pessoas, mesmo cristãs, têm encontrado e recebido coisas novas (que para muitos novas são) integrando-se nos princípios sãos do cristianismo e orientando o seu «modus vivendi» de harmonia com o espírito do Evangelho.

O nosso anelo veemente é que em tudo tenha esta Igreja contribuído não só para a glorificação do nome de Deus mas também para a salvação e progresso espiritual e moral, objectivado em boas

A Igreja Lusitana, à semelhança do que acontece com qualquer comunidade cristã, tem os seus problemas. No Sínodo, nas reuniões da sua Comissão Permanente, nos encontros do Bispo com o Clero e neste Boletim, esses problemas vão sendo discutidos, estudados e alguns, graças a Deus estão resolvidos ou em via de solução.

Há porém uma questão, a meu ver vital, que não julgo tenha devidamente ocupado a atenção dos que têm responsabilidades de mando dentro da Igreja. É o problema da EXPANSÃO da Igreja. Não se sustentem os membros do Sínodo, não irei propôr na sua

próxima reunião a formação duma «comissão de Evangelização»; acredito demasiado pouco na eficiência de comissões para propôr esse começo de solução. A expansão da Igreja, a propagação da fé, é algo demasiado vital para poder ser criado por quaisquer organizações. Há-de ser feito pelo Espírito de Deus, actuando através de consciências despertadas e vidas consagradas ao serviço de Deus.

A respeito deste assunto, como de resto a respeito de muitos outros, podemos encontrar sugestões e ideias de grande valor no Prefácio do nosso Livro de Oração.

(Cont. pág. 8)



Três pastores da Igreja Lusitana, Rev. Josué de Sousa Júnior.

obras, fruto abençoado de uma fé viva e de uma rendição veraz ao jugo suave e leve de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo.

J. S.

IGREJA DE CRISTO REMIDOR

ALCÁÇER DO SAL

Está esta Igreja empenhada em construir o seu templo, para o qual, mercê de donativos dos seus próprios membros — esforço extraordinário, tratando-se duma congregação rural — já adquiriu por 18 contos um terreno no centro da vila. Prepara-se agora este povo tão fiel e tão dedicado à Igreja levar a efeito o seu sonho de há muito. Está já elaborado o projecto da autoria do distinto architecto, Ex.^{mo} Sr. Frederico George, ilustre professor da Escola de Belas Artes de Lisboa, que graciosamente de-

senha um edificio de linhas simples, mas eloquentemente proporcionado, em relação com a arquitectura geral, e cujo aspecto exterior podemos apreciar na gravura que temos o prazer de apresentar aos nossos leitores.

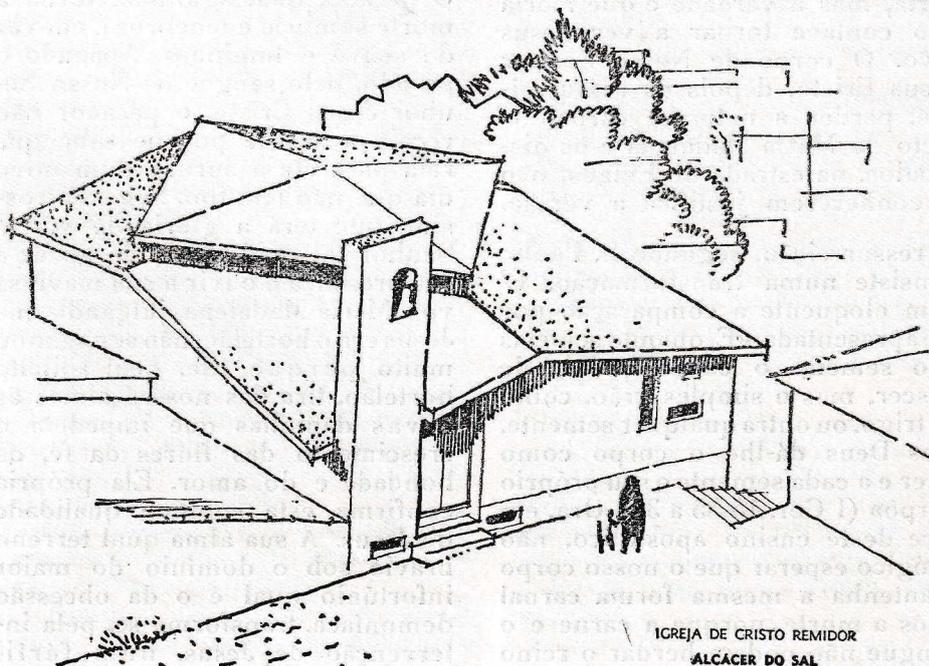
Esperamos que as congregações da Igreja Lusitana não fiquem indiferentes perante a iniciativa desta pequena mas esforçada Igreja. Oxalá em breve possamos ouvir a voz de Deus através de corações, abertos às dificuldades do nosso próximo.

ECLESIASTICO

JUNHO

- 5 — Dom.º depois da Ascensão. Liv. de O. pg. 177. Cor lit.: Branco.
- 11 — Dia de S. Barnabé. Liv. de O. pg. 253. Cor lit.: Encarnado.
- 12 — Dom.º do Pentecostes. Liv. de O. pg. 179. Cor lit.: Encarnado.
- 15, 17 e 18 — Têmporas do Pentecostes. Cor lit.: Encarnado.
- 19 — Dom.º da Trindade. Liv. de O. pg. 182. Cor. lit.: Branco.
- 24 — Dia de S. João Baptista. Liv. de O. pg. 255. Cor lit.: Branco.
- 26 — 1.º Dom.º depois da Trindade. Liv. de O. pg. 186. Cor lit.: Verde
- 29 — Dia de S. Pedro. Liv. de O. pg. 258. Cor lit.: Encarnado.

(Cont. pág. 6)



IGREJA DE CRISTO REMIDOR
ALCÁÇER DO SAL

Sermões de 5 minutos

A Paz de Deus seja convosco.

Quão emocionante devia ser a cena de Maria Madalena chorando, sòzinha, junto do sepulcro. Dir-se-ia que uma força oculta a retinha naquele lugar. Já lá tinha ido com outras mulheres, mas não resistiu ao desejo de lá voltar só. As suas lágrimas traduziam o sentimento de amizade e gratidão. A ideia de nunca mais ver o seu Senhor, despedaçava-lhe o coração. Seria feliz se o visse mesmo morto, a julgar pela resposta aos anjos que lhe perguntaram porque chorava: «Porque levaram o meu Senhor e não sei onde o puzeram». Que grande surpresa a aguardava! Jesus aparece junto d'ela e faz-lhe a mesma pergunta. Ela julga que é o hortelão e pergunta: «Senhor, se tu o levaste, dize-me onde o puzeste e eu o levarei». Bastou Jesus dizer-lhe: «Maria!» para ela o reconhecer. Com que ternura e maviosidade Jesus pronunciou este nome! Parece pela expressão «não me toques» que Maria Madalena ia lançar-se aos seus pés. Nunca se poderá conceber uma ideia exacta da alegria que ela experimentou naquele momento. Para os seres que se amam, não deve haver maior alegria do que a que resulta do encontro após longa separação. Neste caso foi bem curta, mas a verdade é que Maria não contava tornar a ver Jesus vivo. O corpo de Nosso Senhor Jesus Cristo, depois da ressurreição, perdeu a natureza carnal. O facto de Maria Madalena e os discípulos, na estrada de Emaus, não o conhecerem justifica a versão.

A ressurreição, segundo S. Paulo, consiste numa transformação. É bem eloquente a comparação por ele apresentada. «E, quando sementes não sementes o corpo que há-de nascer, mas o simples grão, como de trigo, ou outra qualquer semente, mas Deus dá-lhe o corpo como quer e a cada semente o seu próprio corpo» (I Cor. 15-35 a 38). Ora, em face deste ensino apostólico, não é lógico esperar que o nosso corpo mantenha a mesma forma carnal após a morte, porque a carne e o sangue não podem herdar o reino de Deus, nem a corrupção herda a

Pelo Rev. AGOSTINHO ARBIOL

incorrupção (v. 50). Apesar da clareza destas palavras, ainda há quem duvide da natureza incorruptível dos seres ressuscitados.

Nosso Senhor Jesus Cristo, depois da ressurreição, não teve comunhão íntima e constante com as multidões. Aparece ao núcleo de pessoas queridas que formariam os pilares do edificio da Igreja nascente. Tal núcleo era composto pelos discípulos e as mulheres que assistiram à Sua ascensão em Betania. A ressurreição de Jesus é a base fundamental da fé na vida futura, em moldes diferentes, mas melhores, dos da vida presente; é o nascimento para a vida gloriosa e incorruptível do espírito despojado da matéria e liberto das condições exigidas pela vida terrena. É isso que se conclui da resposta de Jesus aos saduceus: «Porquanto, quando ressuscitarem dos mortos, nem casarão, nem se darão em casamento, mas serão como os anjos que estão nos céus» (S. Marcos 12-21).

Como não há ressurreição sem morte, para se atingir este estado de gozo e felicidade, necessário se torna morrer. A morte assusta e atemoriza aqueles que, obstinadamente, recusam crer em Jesus e aceitar a salvação que Ele oferece.

O pecado, qual aguilhão, torna a morte sombria e tenebrosa, em vez de suave e luminosa. Apagado o pecado, pelo sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo, o pecador não receia a morte porque sabe que raia para ele a aurora dum novo dia que não tem fim. Sabe, outrossim, que terá a glória de ver o Senhor tal qual ele é, de gozar a sua presença e ouvir a sua maviosa voz. Maria Madalena, julgando que Jesus era o hortelão, não se enganou muito porque Ele, qual solícito hortelão, tira das nossas almas as ervas daninhas que impedem o crescimento das flores da fé, da bondade e do amor. Ela própria confirma esta sublime qualidade de Jesus. A sua alma qual terreno bravio sob o domínio do maior infortúnio qual é o da obsessão demoníaca, transforma-se, pela intervenção de Jesus, num fértil horto de paz, alegria e felicidade.

Mensagem Episcopal

(Continuação da 1.ª pag.)

A plena certeza de que Jesus ressurgiu e aguarda por aqueles que são salvos pela Sua Redenção suficiente e eterna, influi, moral e espiritualmente, na justificação da nossa fé; na sinceridade da nossa devoção; na ansiosa e consoladora esperança de O encontrarmos.

A influência espiritual da Ressurreição Gloriosa de Jesus, por isso, a firme certeza de um Salvador vivo, ajudou os apóstolos a proclamarem essa ressurreição, a erguerem e alargarem a Igreja.

A influência espiritual da ressurreição de Jesus, animou os mártires, com o seu sangue, a firmarem a Igreja e levantou os defensores da Igreja a proclamarem o Reino de Cristo entre os homens.

A influência espiritual da ressurreição de Jesus é que justifica o motivo alegre e confortador porque os cristãos se congregam em culto de adoração e fé, pois, «se Cristo não ressuscitou logo é vã a nossa pregação e também é vã a vossa fé».

António Fiandor
BISPO

Calendário Eclesiástico

(Continuação das páginas centrais)

JULHO

- 3 — 2.º Dom.º depois da Trindade.
Liv. de O. pg. 188. Cor lit.: Verde.
- 10 — 3.º Dom.º depois da Trindade.
Liv. de O. pg. 190. Cor lit.: Verde.
- 17 — 4.º Dom.º depois da Trindade.
Liv. de O. pg. 192. Cor lit.: Verde.
- 24 — 5.º Dom.º depois da Trindade.
Liv. de O. pg. 194. Cor lit.: Verde. (Encarnado, no Ofício vespertino.
- 25 — Dia de S. Tiago Apóstolo.
Liv. de O. pg. 260. Cor lit.: Encarnado.
- 31 — 6.º Dom.º depois da Trindade.
Liv. de O. pg. 196. Cor lit.: Verde.

A autoridade das Escrituras

Falemos de autoridade, em geral.

A autoridade é de conveniência humana, bem evidente, devido aos opressores, aos sectários e aos parasitas. Mas há uma necessidade, digamos fenomenal, do princípio da autoridade, como lei psicológica geral. Considere-se o guia ou «leader» das aves; as abelhas e sua rainha, as térmitas, as formigas... Há uma excepção apontada na Bíblia: os gafanhotos, em Provérbios 30:27. Afinal, uma curiosa excepção, num factor de devastações!

A minha experiência ilustra-se com o encontro que tive numa estrada do Norte de Moçambique, onde um macaco de envergadura notável, quase erecto, apoiado a um bordão, enviou adiante a fêmea e as crias enquanto a cada momento fitava o carro onde íamos. Que sentido de autoridade!

A autoridade na família, nas sociedades étnicas ou convencionais, e na Igreja, aqui se estudariam se houvesse vagar para isso.

A autoridade da Bíblia firma-se na inspiração: «Os homens santos de Deus falaram inspirados pelo Espírito Santo», diz S. Pedro na sua 2.ª Epístola, cap. 10, vers. 21. O Espírito Santo foi prometido pelo Divino Mestre e Salvador, com a afirmação de que o Paraclete nos ensinaria todas as coisas (S. João 14:26). Aqui surge o problema: cumpriu-se a promessa na geração apostólica, até ao fecho canónico das Escrituras, ou a assistência do Paraclete ficou assente «in saecula saeculorum»? Nesta última interpretação, como se exerceu e exerce? A resposta é que se exerceu até fins do IV século, naquilo que a teologia dogmática chama a «inspiração selectiva», e que se continua a exercer na hermenêutica dos métodos, na exegese dos textos e na homilética da aplicação das lições e exortações. Isto *na medida da fidelidade* dos hermeneutas, dos exegetas e dos homiletas.

Como vemos, nesta maneira de raciocinar continua sempre incólume a autoridade bíblica; mas necessário se torna encontrar o nexos interpretativo, definidor e aplicador dos textos. Onde está a autoridade incontroversa? As soluções que surgiram no meu modesto estudo pessoal do assunto, tão transcendente, deí-as há poucos anos no artigo «Monoteísmo», na

«Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira». Para o desenvolvimento disto atrevo-me a recomendar o seu exame, pois aqui só poderei dar o esquema da classificação que aí proponho, dividindo o Cristianismo organizado em Doxismo, Papismo e Biblismo. Como há diferentes definições da Doutrina ou opinião — *Doxa*; e houve diferentes primazes de Igrejas Étnicas, Constantinopla, Cartago ou Roma — *Papas*; e há diferente problemática na interpretação do Livro — *Biblos*, proponho como melhor lexicografia: *Monodoxismo*, *Monopapismo* e *Monobiblismo*.

A Igreja Oriental, que se denomina Católica Ortodoxa, baseia a fé na doutrina expressa nos Concílios da Igreja Unida, isto é, até ao seu 8.º: Monodoxismo, portanto.

A Igreja Latina, que se chama Católica Apostólica Romana, firma o dogma na definição dum Sumo Pontífice — o Papa único, infalível *ex cathedra*, (isto é, quando define) — Monopapismo.

As Igrejas Reformadas ou Evangélicas, que se denominam por centos de fórmulas, proclamam que só as Sagradas Escrituras, Livro por excelência — a Bíblia, sem adicionamento da Tradição, só ela define a Fé. «A Bíblia e só a Bíblia é a religião dos Protestantes», eis o célebre estribilho do presbítero anglicano Chillingworth. Aí temos o Monobiblismo.

Considerada a inspiração (e impossível é desenvolver aqui as várias teorias da teopnêustia) necessário se torna definir mais circunstanciadamente a autoridade bíblica: que significa e como se exerce?

Principiemos por um raciocínio negativo considerando o que a autoridade não é:

A autoridade *não* deriva do livro, considerado materialmente, mas do seu conteúdo recebido e aceito pela acção do Espírito. Alguém disse que «a leitura da Bíblia é o terceiro sacramento». É interessante a afirmação. Como o Baptismo e a Santa Ceia, essa leitura só vale pela sinceridade da sua assimilação pessoal abençoada por Deus.

Não esqueçamos que tem havido versões tendenciosas, edições espúrias, citações sofisticadas.

Também não deriva esta autoridade duma passagem aparentemente desacompanhada do con-

senso geral do Texto. Há textos dependentes do contexto ou incompletamente citados, ou obscuros — por enquanto obscuros — que outros passos esclarecem ou completam, ou que mais tarde se compreenderão melhor.

Vale aqui a pena recordar que o Cordeiro Pascal devia ser inteiramente consumido (Exodo 12:10); a Túnica do Senhor não tinha costura (João 19:23), pelo que o seu valor, até reconhecido pelos rudes soldados, residia na inconsutibilidade; e o rolo que, na visão de Patmos, S. João viu na mão do entronizado (Apoc. 5:1) estava escrito de ambos os lados, não havendo lugar para adições. Isto demonstra que a fé destinada a alimentar-nos, a revestir-nos e a ensinar-nos, é integral, baseando-se em todo o texto e não num dos seus passos. «Texto», como sabeis, é *tecido*; não só trama nem só urdidura. Esgarçado, será farrapo!

Outra ilustração apresentarei: o edifício da nossa fé está firmado na Rocha, e não na areia, ainda que a areia seja de natureza idêntica — a mesma rocha esfarelada: verdades dispersas, ou fragmentos de doutrina. Milagre de Deus seria conglutinare-se as partículas rochosas, tornadas então um bloco. Assim será um dia.

Não deriva também a autoridade das versões em que haja desacordo com o fenómeno idiomático. Ou, se a frase idiomática se mantém, a autoridade está na recta interpretação.

Ora, se tivemos tantos «nãos», anteponhamos-lhes o «sim» de Nosso Senhor, na tentação, ao citar a velha máxima: que **toda** a palavra que sai da boca de Deus, essa nos alimenta (Deut. 8:3). Jesus «falava com autoridade» (S. Mateus 7:29 e paralelos) e o Evangelho nos transmite a Sua Palavra. Ele mesmo é a Palavra viva, Verbo-da-Vida, que eu adoro, e não ao Livro. A ferramenta da Obra leva-nos ao Artífice; o recadeiro da Mensagem traz-nos à mente e ao coração o Expedidor; o executante da Partitura nos faz sentir o Compositor.

O Livro amado!

Escritores o produziram, escribas o reproduziram; tradutores o verteteram; a Igreja no-lo entrega; mas eu não adoro os escritores, nem os escribas, nem os tradutores, nem a Igreja, mas só o Senhor que o revelou!

PELA IGREJA

Primeira Convenção da União Portuguesa de Esforço Cristão

De 30 a 2 de Fevereiro de 1960 realizou-se no Porto e em Vila Nova de Gaia a 1.ª Convenção da União Portuguesa de Esforço Cristão a que a imprensa pública, especialmente o 1.º de Janeiro e também o Comércio de Gaia se referiram em minuciosas notícias. Assistiram o presidente e secretário geral da União Mundial de E. C. (área II) respectivamente rev. Andrew Wright e Mr. William G. Sharpe e o rev. Enrique Capó, presidente da União Espanhola de E. C. As sessões de abertura e encerramento foram presididas respectivamente pelos rev.º Bispo da Igreja Lusitana Dom António F. Fiandor e rev. Albert Aspey, superintendente da Igreja Metodista em Portugal. Na sessão de abertura foi lida a mensagem enviada ao Dr. Daniel A. Bling presidente da União Mundial de E. C. (área I) nos E. E. U. U. e entregues galhardetes e distintivos aos delegados e membros da Comissão de honra. Na sessão de encerramento, na ocasião de homenagem póstuma a esforçadores do passado, foi lida a biografia do Rev. Francis E. Clark, fundador do E. E. no mundo, pelo rev. Arbiol, e também do rev. Diogo Cassels, fundador do E.C. em Portugal, pelo rev.º Bispo Dom António F. Fiandor. Os grupos Corais das igrejas Metodista do Mirante e de S. João Evangelista deram a sua colaboração a estas reuniões, tendo a Convenção terminado com o AMEN cantado pelo Grupo Coral da Igreja de S. João Evangelista. Todas as mensagens foram muito apreciadas, tendo merecido lisonjeiras e carinhosas referências da parte da Comissão de Conclusões. Esta Convenção que decorreu com a maior espiritualidade e fé, foi uma grande bênção para o trabalho do E. C. em Portugal e um meio de estreitamento dos laços de amizade entre os crentes e engrandecimento do Santo Nome de Deus. A Direcção da Upec obteve um jogo de diapositivos das actividades da Convenção, e tem a esperança de o poder mostrar na próxima Conferência do E. C. na Escócia de 31 a 7 de Junho deste ano.

D. Ana Gracinda Vilas Boas Fiandor

No dia 27 de Janeiro, a amada esposa do Bispo Dom António F. Fiandor foi operada com êxito na Ordem do Carmo de onde regressou para o seu lar, restabelecida, no dia 18 de Março. A Igreja Lusitana, que durante o seu internamento, fervorosamente orou ao Senhor pela saúde de tão querida irmã, congratula-se pelo seu restabelecimento e louva a Deus pela Sua misericórdia e pelo Seu infinito Amor.

Igreja de S. João Evangelista

Desde a notícia no último número do Despertar realizaram-se os seguintes cultos especiais:

Dia de Natal com celebração da Sagrada Eucaristia.

Culto integrado na Semana de Oração da Aliança Evangélica Portuguesa.

Visita da União Portuguesa do E. C. com mensagens por alguns dos membros da Direcção.

Confirmação da irmã Celestina C. Pinto. Outras actividades — No Salão Festa da União Feminina para distribuição de roupas por crianças pobres.

Festa da E. D. para distribuição de prémios aos alunos.

Reunião da União Bíblica presidida pelo irmão Abel Rodrigues.

Concurso Bíblico com a presença de alguns jovens do Porto.

Semana Santa

Realizaram-se durante a Semana Santa cultos especiais nas várias paróquias. Em S. João Evangelista (Gaia) em Sexta-Feira de Paixão, o coro executou a cantata «Varão de Dores», de Leopoldo de Figueiredo, com letra do Rev. Pinto Ribeiro Jr.

Na Igreja de S. Mateus, como de costume, celebrou-se a Eucaristia na Quinta-Feira Santa, à noite, em comemoração da Instituição do Santo Sacramento, após a qual se procedeu à «desnudação» do Presbitério. Na Sexta-Feira de Paixão, do meio dia às 15 horas, houve sucessivamente Offício Matutino, Ladainha, Leitura da Paixão segundo S. João, feita por três leitores e coro falado, intermeados com hinos e meditações apropriadas. No Sábado Santo, às 11 da noite, Vigília Pascal (leituras, hinos e sermão) e à Meia noite, Aleluia, Eucaristia e Comunhão pascal, como já era hábito da Comunidade Evangélica em V. Franca há mais de 15 anos, muito antes pois da reforma recente do Rito Romano.

NOTAS E COMENTÁRIOS

(Continuação da pág. 2)

breve e sentida alocução, orando depois por Portugal e pela Igreja neste País. Mais tarde, em visita de cortesia, estive com o actual Bispo da Igreja Lusitana, Rev.º D. António F. Fiandor.

O Rev.º D. Salomão Ferraz que foi primeiro ministro da Igreja Presbiteriana e depois presbítero da Igreja Episcopal Brasileira e Bispo da Igreja Católica Livre, aderiu ultimamente à Comunhão Romana.

Ao darmos a notícia da sua adesão, que respeitamos embora a lamentemos, queremos somente salientar dois pontos: as suas firmes afirmações em relação às igrejas reformadas que serviu durante 30 anos, e a forma como Roma o aceitou. Roma não só reconheceu a validade das suas ordens episcopais (havia sido consagrado por um Bispo católico-romano dissidente), mas recebeu-o tal qual ele se apresentava, não como um convertido, mas através o alargamento da sua própria visão do catolicismo.

Extraímos da sua apologia, (O Arrebol da Aurora — S. Paulo, Brasil, 1959) as seguintes passagens: «Não temos caminhado das trevas para a Luz, da impiedade para a Fé». «Conservamos com zeloso apreço todos os valores legítimos que enriqueceram a nossa experiência em outros sectores religiosos, onde procurámos servir honestamente». E com emoção evoca algumas das personalidades com quem convivera

QUESTÃO VITAL

(Continuação da 5.ª página)

Os nossos Restauradores não pensavam em reformar a Igreja em Portugal, apenas a partir de templos próprios, onde se celebrassem cultos e pregações regulares. Eles tiveram o sonho de que aqui e acolá, surgiriam mentes iluminadas pela Palavra de Deus, cristãos que desejassem servir a Deus numa Igreja Católica mas não Romana. «Lembramos... que algum deles faça as vezes de ministro munindo-se deste livro e reunindo em sua casa indivíduos da mesma crença, lhes leia ao menos aos Domingos o serviço próprio... que se nos dirijam para que os auxiliemos... enviando-lhes ministro que os receba devidamente, os instrua, lhes ministre os sacramentos e os anime em sua obra». (Liv. de Or. pg. VIII). Notai que não diz «passe ele, o ministro a fazer aquela obra...». A passagem que citamos é uma concepção correcta embora muito sucinta de um dos aspectos do que devia ser a expansão espontânea da Igreja.

Do muito que ouvi em Chambon há dois anos na «Conferência das Igrejas Protestantes da Europa Latina», talvez apenas isto ficou profundamente gravado na minha mente: A obra normal dos Pastores não é tanto evangelizar, como fazer dos membros da sua congregação evangelizadores. Em princípio, cada lar cristão deve ser uma missão da Paróquia.

As duas missões mais vivas da minha Paróquia, funcionam em casas sem aspecto de templo e uma delas num dos três compartimentos da casa dum dos nossos Irmãos, casa em que residem umas oito ou dez pessoas entre crescidos e pequenos; a outra, começou numa oficina de carpinteiro. Estou convencido que edifícios próprios lhes seriam agora muito úteis, entretanto o seu número de comungantes vai crescendo.

A conclusão que desejaria tirar, é a de que a Expansão da Igreja consegue-se não tanto pela criação artificial de centros de pregação mas sim e sobretudo pela **formação evangélica de todos os membros da Igreja**. A Igreja ou crescerá espontaneamente e como resultado normal da verdadeira vida espiritual e sacramental dos seus filhos, ou ficará raquítica, anã, caricatura miserável e ridícula daquilo que Deus desejava que ela fosse.

Espero voltar a este assunto e desejaria que dele outros se ocupassem, nem que fosse para apresentarem objecções. Mas, ao fim de oitenta anos de Restauração da Igreja, em que tão pouco se tem andado, parece-me que devíamos tomar para nós, a palavra que o Exodo relata ter sido dita por Deus a Moisés: «Porque clamas a mim? Dize aos filhos de Israel que marchem».

na Igreja Presbiteriana e na Igreja Episcopal, «figuras venerandas e iluminadas» e que para si «são hoje mais queridas que nunca». E com clareza evangélica afirma: «Não somos dos que pensam que fora de Roma não há salvação para ninguém. A salvação de Deus é livre, opera em toda a parte e em toda a situação em que ocorre a fé em Cristo, com sincera penitência».

Paulo Agostinho